

Nota sobre *Mba'e ã'ã*: plegária dos Mbyá-Guarani de Misiones

Josely Vianna Baptista

Tradução e nota

Na província argentina de Misiones assenta-se um pequeno grupo Mbyá-Guarani, que vive, em sua maioria, na região sul do Paraguai e nordeste da Argentina.

À margem da existência dos habitantes de Misiones, contemplando o desmatamento que vem devastando a região, os Mbyá-Guarani trabalham a madeira esculpindo as talhas, os animaizinhos cantados em suas milenares plegárias – ou cantos de caráter mágico-religioso.

Sempre que passava pela ponte do arroio Cuñá Pirú, sobre a Ruta 12, e os via à beira da estrada vendendo os bichinhos para sobreviver, o escritor paraguaio Carlos Martínez Gamba lembrava-se da recomendação de um destacado etnólogo de seu país, León Cadogan, de que se registrassem os cantos míticos dos Mbyá ali assentados.

Como os índios fecham-se em silêncio, Martínez Gamba demorou a coletar esse material. *El canto resplandeciente – Ayvu rendy vera* (1984) reúne uma parte desses ricos mitos mbyá, entre elas a plegária *Mba'e ã'ã*, passada oralmente a Martínez Gamba pelo informante mbyá Lorenzo Ramos. A tradução, feita há alguns anos em colaboração com Luli Miranda, que foi minha professora de guarani, deu-se a partir do texto em mbyá-guarani, cotejado com as versões para o guarani paraguaio e o castelhano, integrantes da citada edição. Para esta publicação, fiz pequenas alterações estilísticas no canto, que faz referência

à tradição mbyá de criar pequenas esculturas em madeira, entalhes de animais que representam personagens de sua cosmogonia – como a estrige, ou coruja, que se encontra numa das primeiras estações da viagem em busca do Céu guarani.

Um dos mais antigos idiomas preservados, o guarani é língua aglutinante, não-flexionada, caracterizada pela união dos elementos constitutivos dos vocábulos. Sua forma de estruturação em constelações rítmicas e semânticas leva cada partícula a “assumir, por seu valor posicional e modulatório, a função de um sema ou mitema”, – como lembra Roa Bastos em “En la carne viva del mito” (Bareiro Saguier 1987). Essa configuração constelada, em que a língua opera por um sistema de justaposição e síntese, e sua arquitetura imagética e rítmico-sonora conferem ao guarani alta potencialidade poética, realizada nos mitos e cantos mbyá, repletos de “palavras-montagem”, assonâncias, paronomásias, ritmos icônicos, metáforas e onomatopeias – mimetizando o mito mbyá de que houve, no início dos tempos, um *ruído* portador da sabedoria da natureza, um *som* do cosmos se engendrando através da “linguagem fundadora”.

Segue aqui um vislumbre dessa fala inspirada, como um pequeno gesto para aproximar nossa poesia da poesia ameríndia e de suas belas e indestrutíveis palavras azuis celestes.

Bibliografia

Bareiro Saguier, Rubén (1987), *A la víbora de la mar*, Assunção, Alcándara.

Martínez Gamba, Carlos (1984), *El canto resplandeciente. Ayvu rendy vera*, compilação, prólogo e notas de C. M. Gamba, Buenos Aires, Ediciones del Sol.

MBA'E ã'ã

Ñamandu Ru Ete Tenonde!

Aipo jewýma ajae'oi;

a'e ramo ma, ñemingatu i eỹ jewýma ajae'oi,

arojeapo aña che tatachina rupa ñemomba'eawykýgui,

che tatachina rupa rakã poty ñemomba'eawykýgui,

urukure'a i ra'anga i te ma,

aguara i javaete i va'e,

tatu ai,

guachuarã,

a opa mba'e rei rei ra'anga i te ma,

a'ete i va'e oime nde yva rokáre.

Arojeapo aña ajaka para ete i,

ajaka guachu,

mimby i pu porã meña i,

mimby reta i,

wyrapa reko achy,

u'y achĩ reko achy.

A'e gui maẽ, juruápy ame'ẽ ramove,

aupity va'erã cho'oi,

mba'e ã'ẽ i,

juky i ã'ẽ ro,

u'ichĩ reko achy,

che retãrã kuéry a'e javi kue i reve roupi aña,

ore ratapy rupa mbowy i re,

ore, yvára tyre'y mbowy mbowy i

rojogueropyta i va'e

nde ywýpy poteri.

Ywypo amboae i kuérype ame'ẽ ramove.

Aipo ajae'oi ñendu imondowy,

Ñamandu Ru Ete Tenonde!

PLEGÁRIA

Tradução de Josely Vianna Baptista e Luli Miranda

Ñamandu, Pai Verdadeiro, o Primeiro!
Ouve de novo meu canto,
pois te imploro de novo neste canto:
possa eu fazer com o lenho que tocam os meus leitos de nevoeiros,
com o lenho que os ramos em flores de meus leitos de nevoeiros tocam
possa eu fazer imagenzinhas de pequenas estriges,
tigres terríveis,
tatuzinhos amarelos,
leões-baios comedores de suaçuetês
e todo tipo de totenzinhos,
pois os verdadeiros estão a um passo de teu paraíso.

Possa eu fazer cestinhos ornados, os verdadeiros,
e também amplos canastros,
flautins de sons belíssimos,
flautas, unidas flautas,
arcos imperfeitos
e flechas imperfeitas de pontas denteadas.

E só depois de os vender aos estrangeiros,
comprarei carne, só um pouco,
um pouquinho de açúcar,
outro pouco de sal salgadíssimo
e de perecível farinha de milho,
para comer junto com meus irmãos, com todos,
em roda dos poucos assentos de nossas fogueiras,
nós, uns pouco a pouco órfãos de teu paraíso,
que ainda damos ânimo uns aos outros, apesar disso,
para ir vivendo a vida em tua morada terrena.
Depois de os vender aos estrangeiros.

Ouve minha prece,
Ñamandu, Pai Verdadeiro, o Primeiro!

Glossário

Mba'e ã'ã: canto ou hino sagrado. *Ã'ã* significa 'esforçar-se para conseguir algo'. Os cantos e plegárias mbyá constituem um esforço em busca de coragem e força espiritual.

Ñamandu Ru Ete Tenonde: um dos nomes para o Criador, figura principal da teogonia mbyá.

Tatachina rupa: literalmente, 'leito de neblinas'. Refere-se ao côncavo da palma da mão. Cadogan traduz a expressão por 'neblina vivificante', por "exprimir o conceito que encerra para os Mbyá". Os camponeses chamam a neblina de *tatatina*. *Jakaira* é o deus dessa névoa, o nume protetor da neblina que surge no fim do inverno, infundindo viço a tudo e todos.

Ñemomba'eawykýgui: aquilo que se toca. Refere-se à madeira que está em contato com o côncavo das mãos ao se entalhar um animalzinho.

Rakã poty: ramos floridos. No vocabulário religioso, nomeia os dedos e unhas da *tatachina rupa*, 'palma das mãos / neblina vivificante'.

Yva: paraíso.

Ajaka para ete i: canastro enfeitado usado só por mulheres.

Mimby reta i: flautas ligadas, em fileira, usadas só por mulheres.

Jurua: estrangeiro. *Juru*: boca; *a*: cabelo, pêlo: os-de-boca-peluda.

Guachuarã: nome religioso do *javuku*, 'puma'. Significa literalmente 'o que vai comer os veados', os 'suaçuetês' ou 'leões-baios'.